



**Roberta Saraiva de Oliveira**

**No Ranger das rendas: O Alcazar Lírico na crônica cotidiana e na vida da cidade do Rio de Janeiro**

**RIO DE JANEIRO**

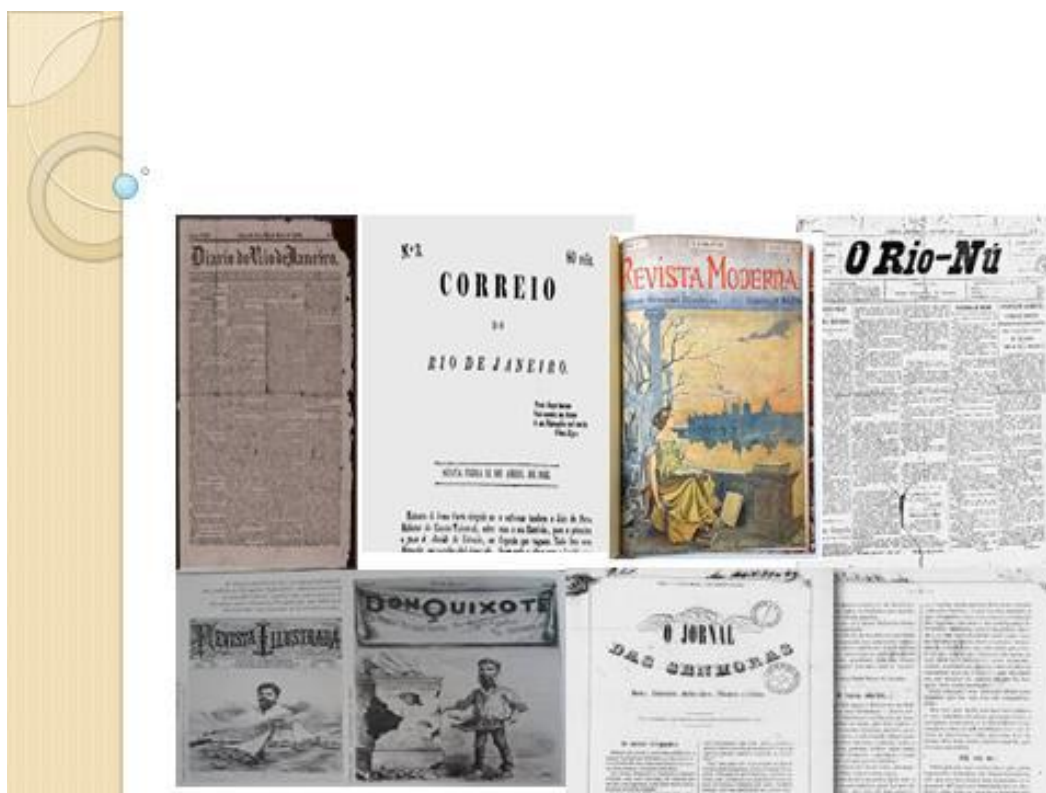
**2019**

**Roberta Saraiva de Oliveira**

**No Ranger das rendas: O Alcazar LÍrico na crônica cotidiana e na vida da cidade do Rio de Janeiro**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras – Português-Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento  
Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro



**Rio de Janeiro/RJ**

**2019**

O48 Oliveira, Roberta Saraiva de  
No Ranger das rendas: O Alcazar Lírico na crônica cotidiana e na vida da cidade do Rio de Janeiro / Roberta Saraiva de Oliveira. - - Rio de Janeiro, 2019.  
24 f.  
Orientadora: Luciana Marino do Nascimento.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Literaturas, 2019.

1. cidade. 2. literatura. 3. crônica. 4. Alcazar lírico. 5. século XIX. I. Nascimento, Luciana Marino do, orient. II. Título.

**Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Roberta Saraiva de Oliveira**

DRE: 112079309

**No Ranger das rendas: O Alcazar Lírico na crônica cotidiana e na vida da cidade do Rio de Janeiro**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras – Português-Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento – UFRJ  
Universidade Federal do Rio do Janeiro. SIAPE 1515091

Leitor Crítico: Prof. Dr. Maged Talaat Ahmed Mohammed Elgebaly Nota: 10,0

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento - Nota:10,0

Média final:10,0.

Data da avaliação: 28/12/2019.

Assinatura dos membros da Banca





Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Marino do Nascimento  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
SIAPE 1515091

## **RESUMO**

A cidade gerada pela modernidade engendrou os ditames do modo capitalista de produção, com suas dissonâncias e conflitos. Essa configuração do fenômeno urbano gerado na modernidade estava diretamente associada ao desenvolvimento do mercado capitalista e, de fato, a cidade moderna ganhou formas e traçados que a distinguiram de outras espécies de aglomeração precedentes, até mesmo se pensarmos na geração de novas sensibilidades e percepções urbanas. Neste trabalho, nosso objetivo é fazer uma reflexão sobre as relações entre literatura e cidade, pensando a representação do teatro Alcazar Lírico no cotidiano da cidade, a partir de leituras de textos de Joaquim Manuel de Macedo, crônicas de Machado de Assis e crônicas e textos do Jornal do Comércio, que tematizavam o impacto do Alcazar lírico na sociabilidade do Rio de Janeiro, em 1859.

**Palavras-chave:** Cidade, crônica, literatura, Alcazar lírico, sociabilidade.

## **ABSTRACT**

The city generated by modernity engendered the dictates of the capitalist mode of production, with its dissonances and conflicts. This configuration of the urban phenomenon generated in modernity was directly associated with the development of the capitalist market and, in fact, the modern city gained forms and layouts that distinguished it from other types of previous agglomeration, even if we think about the generation of new urban sensibilities and perceptions. . In this work, our objective is to reflect on the relations between literature and the city, thinking about the representation of the Alcazar Lírico theater in the daily life of the city, based on readings of texts by Joaquim Manuel de Macedo, chronicles by Machado de Assis and chronicles and texts from Jornal do Comércio, which discussed the impact of the lyrical Alcazar on the sociability of Rio de Janeiro, in 1859.

**Keywords:** city, chronicle, literature, Alcazar lírico, sociability.



Figura 1 Marie Curie (1867-1934). Cientista. Física e Química. Prêmio Nobel de Química e de Física.

*“Na vida, não existe nada a temer, mas a  
entender.”* *Marí Curie*

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por hoje eu estar concluindo o meu curso de Letras, após tantas lutas e, enfim, a vitória chegou.

Agradeço a todos os meus professores do curso de Letras pelo trabalho primoroso e por doarem seus conhecimentos.

Agradeço, em especial, a Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento, pela orientação, amizade e solidariedade.

Agradeço a todos que me acompanharam a minha jornada e contribuíram para o meu êxito.



## Sumário

Introdução .....	10
1. A cidade e a modernidade.....	11
2. O Alcazar e o <i>Bas fond</i> da cidade .....	14
3. Considerações finais .....	22
4.Referências .....	23

## Introdução

Ao concluir o Bacharelado em Letras português-Literaturas, apresento o trabalho intitulado **No Ranger das rendas: O Alcazar Lírico na crônica cotidiana e na vida da cidade do Rio de Janeiro**. Esse texto foi resultado do trabalho de pesquisa realizado junto ao PIBIC- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica, sob a orientação da Professora Doutora Luciana M. do Nascimento nos anos de 2017-2018. Em 2017, juntamente com a orientadora publicamos o artigo na Revista Anthesis, *ISSN: 2317-0824*, V. 5, N. 9, (Jan. - Jun.), 2017, p. 197-207. <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/1242/768>.

Vale ressaltar que este trabalho constitui um desdobramento das discussões realizadas no grupo de estudos A cidade e as Letras, coordenado pela Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento, do qual participamos entre os anos de 2016-2020, sendo o tema da cidade de suma importância para pensarmos como os sujeitos se relacionam com o espaço através da escrita literária.

Este trabalho se encontra dividido em três blocos, sendo que no primeiro capítulo tratamos da cidade moderna e seu apogeu no século XIX; já no segundo capítulo tratamos da visão dos cronistas sobre o Alcazar lírico cuja novidade encetou muitas publicações sobre as sociabilidades que se desenhavam naquele contexto da cidade do Rio e por fim, nossas considerações finais.

Nosso caminho metodológico foi a pesquisa bibliográfica com o estudo teórico da temática cidade e modernidade, aliada a uma pesquisa documental com a coleta de periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A nossa análise das crônicas foi baseada em uma bibliografia interdisciplinar, lançando mão de textos das áreas da História e da Sociologia.

## **I. A cidade e a modernidade**

A modernidade que despontou a partir da segunda metade do século XIX modificou sensivelmente o cenário social, com desdobramentos nos mais variados campos, como na política, na economia e na sociabilidade. A urbanização teve seu processo gerado na Europa, especialmente com as transformações advindas da Revolução Industrial e que seria o ponto de partida para uma importante transformação na vida social e cultural da cidade, conforme afirma Nascimento:

Bradbury e McFarlane (1989), ao analisarem o fenômeno moderno e suas configurações na sociedade, apontam que a cidade é o ambiente da efervescência cultural, do imaginário moderno, caracterizado pelas novas sociabilidades, pela indústria do entretenimento e pela circulação de ideias e livros, o que caracterizava, segundo os autores, uma inter-relação entre literatura e experiência urbana, pois sempre existiu uma estreita relação entre a literatura e a as cidades. (NASCIMENTO, 2018, p. 27).

Essa transformação foi o “ponto chave” que afetaria tanto as classes burguesas quanto as camadas sociais menos favorecidas economicamente. A cidade vivenciava transformações com novas descobertas científicas e, sobretudo, na arte. Era o início da Belle Époque, fenômeno que trazia a ideia de otimismo na virada do século XIX para o século XX. O Brasil sofreu significativamente essas transformações, sobretudo, a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império durante o século XIX. (NASCIMENTO, 2011).

A modernidade trouxe em seu âmago as influências dos ideais iluministas que pregavam a ideia do homem como ser autônomo e independente capaz de agir sob a natureza e seu próprio meio social, através do uso da razão. Transformação foi a marca registrada da era moderna, e as transformações das cidades aconteceram com a finalidade de dar a essas um aspecto que atraísse as pessoas. “Grosso modo“, era necessário eliminar o feio e o sujo para dar lugar ao que fosse belo, limpo e que revelasse a riqueza. Sobre essas transformações ocorridas na “chamada modernidade do século XIX”, Marshall Berman assim a define:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a

espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angustia. [...] Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. (BERMAN, 1986, p.15-16).

No imaginário social de fins do século XIX e início do século XX, a literatura instaurou um discurso sobre o urbano, expressando os conflitos, as vivências, os sujeitos e a forma como se relacionam dentro desse espaço. O discurso literário sobre o urbano criou uma outra cidade, aquela que é erguida pela escrita dos intelectuais. Angel Rama, em sua obra **A cidade das Letras**, aponta que a cidade é um discurso:

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perde-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem. (RAMA, 1985, p. 3).

Os postulados de Rama acerca da cidade letrada e da cidade real nos mostram como se desenvolveu a configuração de identidades e redes de sociabilidades urbanas e como a literatura aliada à imprensa tornou-se mediadora entre a cidade real e a cidade imaginada. Como bem destacou o autor uruguaio, a atividade intelectual especializou-se a partir do desenvolvimento das cidades e foi na “cidade das letras”, que os jornais e a atividade literária se destacaram, formando um círculo de “homens de letras” que ditavam modas e revelavam novidades aos seus leitores. Esse fenômeno correspondeu à voga do romance-folhetim, a grande locomotiva do desenvolvimento de um imaginário forjado a partir da experiência urbana moderna, seja ela a Londres dos romances e contos de Dickens ou a Paris dos romances de Zola e da poesia de Baudelaire.

Walter Benjamin, ao analisar a modernidade artística em Baudelaire, afirma que a cidade emerge nas páginas dos livros, revistas e jornais, ensejando a voga da literatura panorâmica. (BENJAMIN, 1994, p. 38- 40). O discurso do fascínio pelo urbano tornou-

se laudatório, e a visão acerca do passado se revela no jogo de esconder e exibir, deixando transparecer apenas os traços antigos que servem para legitimar o novo.

Assim, poderíamos citar inúmeros exemplos, como aqueles já referenciados por Benjamin “Paris à mesa, Paris a cavalo, Paris à noite” etc., ou seja, esse poder de atração que Paris exercia sobre o mundo, transparece até mesmo em um texto publicado no Rio de Janeiro, na Revista Fon Fon, de 14 de novembro de 1914:

Ninguém naturalmente compreende uma viagem á Europa sem Paris, tanto que todos daqui que partem vao directamnete a Paris e depois de lá então arrastam-se mollemente em viagens rápidas ou curtas de modo que á primeira manifestação de tédio, encontrem logo á mão um express que os conduza á Cidade Luz. Sim, minha doce amiga, qual será o brasileiro capaz de ir á Europa desde que lhe falta Paris? Na sua maioria, eu sei bem o que lhe falta não é a Paris supercivilizada, a Paris intelectual, a Paris evocativa, a Paris sentimental, e instrutiva não, não é essa Paris absolutamente desconhecida para essa maioria dos viajantes. Não é própriamente Paris que lhes falta, é o Luna Park, é o Magic City, é o Alhambra, é o Café de la Paix. A Paris dos museus, a Paris dolorosa da miséria, a verdadeira Paris, representativa do gênio e da vida intelectual de uma raça, esta desaparece diante da sedução de um tango. (BILHETES, 1914, p. 39).

Como se pode observar no fragmento acima, Paris se fixou como mito no imaginário mundial e a literatura muito contribuiu para tal, conforme bem assinalou Roger Callois, em seu texto “ Paris, mito moderno”:

el mito de París anuncia extraños poderes de la literatura. Diríase que el arte, más aún, la imaginación en su conjunto, renuncia a su mundo autónomo para tentar lo que Baudelaire, al que hay que citar una vez más, llama luminosamente la “traducción legendaria de la vida exterior” (CALLOIS, 1939, 218)

A imagem da cidade moderna se legitimou pelos discursos da arquitetura e político, que se esforçaram por legitimá-la, enquanto a literatura mostrou o embate entre a cidade monumental que nega a participação popular e o imaginário urbano de um progresso sem medidas. Assim, a urbanização alterou significativamente as práticas cotidianas, alterando e substituindo suas tradições culturais tradicionais por outras formas de convivência relacionadas ao entretenimento:

Os discursos dos literatos, por mais distintos que sejam, variaram entre a louvação à cidade como vitrine da modernidade e a constatação da perda de elos entre os indivíduos e o mal-estar diante de um espaço que passa a não ser mais familiar.

Desse modo, é possível observar que a literatura instaura um discurso na e sobre a cidade, expressando os choques e as experiências dos indivíduos e suas relações no interior desse espaço. A literatura cria, pois, outra cidade, ou seja, a cidade escrita que é apreendida num momento ímpar, seja pelo *flâneur*, pelo dândi ou pelo voyeur, cujas situações demarcam pontos de vista acerca da legibilidade da cidade. (NASCIMENTO, 2018, p.26).

A partir do século XIX, em consequência da urbanização acelerada, novas formas de sociabilidade foram criadas, com a indústria do lazer. Dessa forma, a frequência aos teatros foi uma inovação desse período. A revolução econômica influencia os hábitos culturais da cidade e o teatro passa a ser um dos pontos de encontro de grande importância, frequentado pela elite e a classe burguesa.

Uma das inovações na sociabilidade da vida urbana carioca foi a inauguração de uma nova casa de espetáculos no centro da cidade, o Alcazar Lírico, em 1859. Essa nova casa de shows, localizada na Rua da Vala (atual Rua Uruguaiana) ocupando os números 47, 49 e 51 foi um verdadeiro alvoroço na vida da população burguesa da época e um dos motivos principais das notícias sobre o cotidiano da elite carioca no final do século XIX.

## 2. O Alcazar e o *Bas fond* da cidade

A literatura dialoga com a sociedade e os acontecimentos hodiernos da cidade e a inauguração e a permanência do café-concerto Alcazar lírico também foi tema da escrita de nossos literatos nas crônicas de jornais. As apresentações de can can, ao estilo do café concerto foram alvos das crônicas de Machado de Assis, e da narrativa romanesca de Joaquim Manuel de Macedo. O Alcazar Lírico foi saudado no Jornal do Commercio, do dia 13/02/1865 com grande entusiasmo no Canto ao Alcazar Lyrico:

Aborrido prepotente  
Sem a queixas atender  
Sobre tudo estende o tédio  
O somnífero poder.  
Do pobre a pobre choupana,  
Do rico o rico solar,  
Tudo invade, tudo menos....  
O recinto do Alcazar.  
[...] Eis que rompe a sinfonia;  
Já não resta um só lugar.  
Formosa vista apresenta  
Nosso lírico Alcazar!  
Apertado, alargadinho  
Em suor, Monsieur de Tal  
Fuma seu charuto e sorve  
A cerveja nacional.  
[...] Madame Bougeois não deixa  
De produzir grande efeito;  
Senão vêde na peça  
O HOMEM NÃO É PERFEITO  
- E Madame Bernardelli?  
- Com nobreza não vulgar  
Os quadros saracotêa Na scena do Alcazar.  
[...] Eis Aimée! A bem amada,  
Que dos olhos sem rivaes  
Lança chamas que derretem  
Os mais frígidos mortaes.  
Canta, baila, representa  
Com gentileza sem par.  
É a bela, a fada, a diva  
A rainha do alcazar!.

L.A.B (Jornal do Commercio, 13/02/1865, ano 41, n.044, p. 3.)

Ao longo de sua existência, grande foi o impacto do Alcazar lírico na vida social da capital fluminense. Cantado em prosa e verso como a grande novidade ou a grande maldição, o Alcazar foi recorrentemente citado na nossa literatura e na crônica da cidade.

A indústria do lazer aliada aos jornais movimentou grande parte das sociabilidades urbanas e a crônica cotidiana tornou-se um poderoso instrumento de informação e de crítica social, constituindo-se em uma narrativa urbana que dialoga com o contexto social.

As origens do Alcazar Lírico remontam a 1859, quando um grupo oriundo de Paris, inaugurou na antiga Rua da Vala, hoje Rua Uruguaiana, no Centro do Rio de Janeiro, o Alcazar Lírico Fluminense, pequeno teatro, muitas vezes também chamado de café-concerto, voltado para a cena musicada francesa. Administrado pelo francês Joseph Arnaud e também auxiliado com verbas públicas, esse teatro ganhou o gosto popular e foi referenciado e criticado por muitos literatos da época, entre eles, Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Lima Barreto.

Alguns anúncios publicados no Jornal do Commercio e no Correio Mercantil convocavam as famílias para apresentações extras, que seriam oportunidades para que pessoas diferentes do público habituado a frequentar o Alcazar assistissem ao espetáculo ajustado aos distintos espectadores. O teatro Alcazar Lírico frequenta tanto as páginas da crônica cotidiana e dos anúncios do Jornal do Commercio e o do Correio Mercantil.

<p style="text-align: center;"><b>ESPECTACULOS</b></p> <p style="text-align: center;"><b>THEATRO LYRICO FLUMINENSE</b></p> <p style="text-align: center;"><b>HOJE</b></p> <p style="text-align: center;">Sabbado 15 de Setembro de 1866 (INTRASFERIVEL)</p> <p style="text-align: center;"><b>Segundo concerto</b></p> <p style="text-align: center;">De musica vocal e instrumental, classica e moderna</p> <p style="text-align: center;">DADO POR</p> <p style="text-align: center;"><b>OSCAR PFEIFFER</b></p> <p style="text-align: center;">NO SALÃO DO THEATRO LYRICO FLUMINENSE</p> <p style="text-align: center;">Honrado com a Augusta presença DE</p> <p style="text-align: center;"><b>SS. MM. E AA. UU.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>PROGRAMMA</b></p> <p style="text-align: center;">1ª PARTE</p> <p style="text-align: center;">MUSICA CLASSICA</p> <p>1.º Symphonia da Flauta encantada de W. A. Mozart, por toda a orchestra.</p> <p>2.º Duetto (<i>Là ci darem la mano</i>) da opera <i>Don Giovanni</i>, cantado pela Sra. Altieri-Pfeiffer e pelo Sr. Ribas.</p> <p>3.º Terceira e quarta parte do celebre Septetto de I. N. Plummel para piano, flauta, trompa, oboe, Violetta, violoncello e Contrabaixo, executadas pelos Srs. João Peiroiro, Ribas, Pagani, Fr. Elena, Bracarense, Baguet e Pfeiffer.</p> <p style="text-align: center;">Intervallo de 20 minutos.</p>	<p style="text-align: center;">2ª PARTE</p> <p style="text-align: center;">MUSICA MODERNA</p> <p>1.º Symphonia Emma d'Antiochus do Mercadante, por toda a orchestra.</p> <p>2.º <i>Kathleen Macourneen</i> Ballada irlandeza, cantada pela Sra. Altieri-Pfeiffer.</p> <p>3.º Andante e Rondo para piano e orchestra, composto e executado por Oscar Pfeiffer.</p> <p>4.º Terceito para duas rabecas e piano, executado pelos irmãos Luigi, Francisco e Anibale Elena.</p> <p>5.º Pregonia e aria final da opera <i>La Sonnambula</i> de Bellini, cantada pela Sra. Altieri-Pfeiffer.</p> <p>6.º Phantasia dramatica sobre motivos da opera <i>Lucresia Borgia</i> de Donizetti, composta e executada por Oscar Pfeiffer.</p> <p style="text-align: center;">A quasi totalidade destas escolhidas peças figura pela primeira vez em concerto nesta côrte.</p> <p style="text-align: center;">A orchestra, composta dos mais notaveis professores desta capital e dirigida pelo bem conhecido maestro Luigi Elena.</p> <p style="text-align: center;">O piano de Erard é da acreditada casa do Sr. E. Warnecke, que graciosamente o offereceu para os tres concertos.</p> <p style="text-align: right;">Às 8 horas.</p> <p>No escriptorio do theatro não ha bilhetes á venda, nem na noite do concerto. Para pedido delles ou quaesquer informações dirijam-se á casa dos Srs. V. Sydico, rua dos Ourives n. 61, ou á do beneficiado, rua de Santo Amaro n. 43.</p> <p>Os bilhetes do 1.º e 3.º concerto não dão entrada para o 2.º Não ha senhas.</p>
--	--

Figura 2 Diário do Rio de Janeiro, 15 de setembro 1866, ano XLVI, edição 00220, p. 4. Cód.: TRB00127.0072; Rótulo: 094170\_02



A ideia de modernidade estava cada vez mais viva e refletida no comportamento social da corte e da alta sociedade da segunda metade do século XIX. As vitrines luxuosas da Rua do Ouvidor exalava o aroma do novo, em uma cidade que se importava integralmente, adaptar o melhor da sofisticação da Belle Époque parisiense. A indústria do entretenimento também entrou na corrida da modernização e do objetivo de atrair pela beleza e pelo que era diferente. Com isso, o Alcazar Lírico passou a ser o ponto de encontro preferido dos homens da elite.

A nova casa de espetáculos localizada na Rua da Vala era também vista como o espelho do glamour europeu, mas, também e por muitos, como o local responsável pela desordem da família e perdição dos homens. O glamour estampava-se nos espetáculos teatrais e números musicais de can can e vaudevilles, importados da França e que eram consideradas as melhores novidades entre as atrações de lazer dos homens da corte. Machado de Assis atuava como colaborador do jornal *Semana Ilustrada*, na qual participava como cronista da coluna *Correio da Semana Ilustrada*, usando o pseudônimo de *Doutor Semana*.

Em um determinado momento, Machado (ou *Dr Semana*) usa a coluna para descrever através das crônicas, o espaço do Alcazar Lírico em forma de cartas postadas a Joseph Arnauld e a outras autoridades importantes da cidade. As crônicas tematizavam as críticas ao Alcazar de modo a não perder a ironia típica encontrada na escrita machadiana:

Há nesta cidade do Rio de Janeiro um estabelecimento, onde, todas as noites, por entre baforadas de fumo e de álcool, se vê e se ouve aquilo que nossos pais nunca viram nem ouviram, embora se diga que é um sinal de progresso e de civilização. Chama-se esse estabelecimento — Alcazar Lírico. (ASSIS, 1864, p.29.).

Machado usa a “máscara” de *Dr Semana* com a finalidade de revelar uma escrita livre, mas sem associar a mesma à sua verdadeira identidade, pois ele não tinha a intenção de revelar uma escrita conveniente no jornal. O pseudônimo era a maneira de Machado se manter no anonimato e se manter alheio a algum tipo de crítica por parte da nova sociedade deslumbrada com o novo e tão falado lazer. O Alcazar ganhou destaque em suas colunas, mas não como um lugar propício de ser frequentado pelas famílias. Para isso, escrevia as crônicas mantendo-as na marginalidade e isenta de julgamentos dos leitores. Nas crônicas semanais da *Semana Ilustrada*, Machado (*Doutor Semana*) deixava claro que a casa de espetáculos deveria ser fechada, por ser um local onde a

imoralidade estava presente em cada canto durante as apresentações teatrais. Relatava em suas crônicas, sem deixar de lado sua ironia literária:

[...] As famílias honestas do Rio de Janeiro continuam a esperar de V. Excia. a extinção dessa casa de educação. Conheço um ilustre deputado que pretende apresentar na câmara um requerimento pedindo informações a respeito da utilidade desse estabelecimento. Repare V. Excia. que é o único divertimento (menos praças de touros) a que se assiste com o chapéu na cabeça, com o charuto na boca, a garrafa de cerveja ao lado, e uma, duas ou três raparigas, lindas como os amores, sentadinhas em derredor da mesa. Que prazer! Que glória! Não falte, Exmo., porque há de apreciar muita coisa interessante. (ASSIS, 1864, p. 33).

Nas crônicas de Machado, o Alcazar Lírico é descrito como um lugar onde o público tem a oportunidade de realização de todos os desejos. Para ele, o famoso teatro trouxe as influências imorais da Europa, sendo uma questão preocupante no que diz respeito à nova indústria do entretenimento, pois a depravação dos bons costumes seria uma consequência do mundo moderno: “Apesar de velho, não sou carranca e retrógrado, e sei aplaudir todas as novidades que o estrangeiro nos traz, passando pela alfândega do bom senso, ou mesmo por contrabando, contanto que tenha uma capa de moralidade.” [...] (ASSIS, 1864, p 30).

Machado de Assis ainda destaca o desrespeito aos costumes religiosos quando o Alcazar acaba por desrespeitar a moral cristã em nome das satisfações supérfluas e carnais:

Enquanto se proibia a todos os teatros de brasileiros — representações nas sextas-feiras da quaresma e na véspera e no dia de Ramos, consentia-se que o Alcazar tivesse o salão aberto para moralizar o bom povo, que o frequenta! Se não há injustiça neste procedimento, seja de quem for, há pelo menos falta de equidade, que só redundaria em proveito do francês, contra os brasileiros, que vivem na maior miséria, esmolando da concorrência dos seus teatros o pão quotidiano.” (ASSIS, 1864, p 31.).

Apesar do espírito de beleza e da elegância da Belle Époque parisiense presente no Alcazar, este era o lugar no qual era permitido o proibido. Os bons costumes se perdiam em meio à obscenidade das dançarinas nuas. Joaquim Manuel de Macedo, em Memórias da Rua do Ouvidor, deixa a sua impressão do Alcazar: “O Alcazar, o teatro dos trocadilhos obscenos, dos cancãs e das exhibições de mulheres seminuas, corrompeu os costumes e atçou a imoralidade.” (MACEDO, [1869] 1990, p 110).

Joaquim Manuel de Macedo referia-se ao Alcazar como um lugar satânico, no qual a sedução e o pecado são os atrativos principais dos frequentadores. Aliás, o público parecia estar cada vez mais seduzido com aquela nova forma de lazer oriunda de Paris, esta que era o modelo de civilização e modernização para o mundo inteiro, inclusive no que diz respeito às artes e ao entretenimento. A sedução era a responsável por levar famílias à ruína, sendo o caminho direto dos atos libidinosos. Em sua obra *A Luneta Mágica*, Macedo coloca na verve do personagem Simplício, que quase cego, enxergava unicamente através de uma luneta magica que distorcia toda a realidade e ironicamente vê no Alcazar, o verdadeiro espaço de sociabilidade. Que injustiça fazem ao Alcazar Lírico:

vi nele o contrário do que me informavam! Vi nele o ponto de reunião de todas as classes da sociedade, o jubiloso recurso de entretenimento para os homens pobres que não podem pagar outro menos barato, e para as mulheres que degradadas pelo vício são repelidas da boa sociedade; vi nele a mais eloquente escola de moralidade pública pela exposição ampla e quase sem medida do comércio imoral e repugnante das criaturas desgraçadas que tem descido à última abjeção: melhor que as teorizasse os conselhos de um pai austero, falava ali à mocidade o exemplo vivo dos perigos e das torpezas da devassidão. O Alcazar me pareceu enfim uma bela instituição filantrópica e filosófica, a ética de Jó ensinada pelas antíteses, a ostentação da grandeza da virtude pela observação da baixeza do vício. Não pude compreender a razão por que o governo do Brasil ainda não concedeu subvenção ou loterias anuais para auxílio deste admirável teatro lírico francês! (MACEDO, [1869], 1990, p. 134).

Além da imoralidade citada por Machado e Macedo, o Alcazar passou a exibir peças de teatro que contavam a vida de figuras da cidade de maneira sarcástica e fofocas dos acontecimentos no RJ. O Alcazar Lírico marcou a consolidação da sociabilidade no Rio de Janeiro de então e se ele recebeu críticas negativas, não deixou de ser saudado como um espaço de diversão, como foi o caso de A.J.Costa, que assim escreve no *Jornal do Commercio*, em 17/11/1863:

Na época em que os teatros se sustentam frouxamente e que não podem ter as suas portas abertas diariamente para recreio do público; na época, digo, em que o público não acha na capital do império um lugar onde por algumas horas de expansão ao espírito, considero o melhor ponto de reunião o muito decente Alcazar Lyrique, que satisfaz perfeitamente o povo, tão difícil de contentar. Ai a arte dramática é compreendida pelos artistas, o canto nos embriaga o espírito, a dança nos surpreende, e a difícilíssima ginástica nos ilude a vista, fazendo tudo isto diversas emoções no nosso coração, que tem

momentos de alegria, surpresa e susto. Como são inocentes essas horas de distrações tão inocentes e bem preenchidas! O decoro e a moral não sofrem nesse salão, onde há completa liberdade. (A. J.COSTA. Alcazar. Jornal do Commercio, 17/11/1863, N. 317, ano 38, p.2).

De fato, o Alcazar lírico causou frisson no Rio de Janeiro de fins do século XIX, possibilitando a invenção da vida noturna, influenciando também a extensão do horário de funcionamento das lojas de moda da Rua do Ouvidor, como também firmou o teatro de variedades, conforme assinala Medeiros (2007):

Coube, assim, ao Alcazar carioca a primazia na encenação dos gêneros que faziam frisson nas platéias parisienses, trazendo para a vida cotidiana uma nova personagem urbana: a cocotte comédienne do teatro ligeiro e das operetas; atriz-cortesã da modernidade oitocentista. No palco do Alcazar, elas tornaram-se alvos permanentes da curiosidade do público, criando a demanda necessária para que o Ba-ta-Clan a elas dedicasse uma de suas colunas, intitulada significativamente L'Alcazar en Robe de Chambre, dedicada à divulgação de notícias sobre as 'alcazalinhas', fossem elas estrelas de primeira grandeza (intérpretes das principais árias das óperas bufas) ou participassem simplesmente do coro ou dos números de danças. (MEDEIROS, 2007, p.77.).

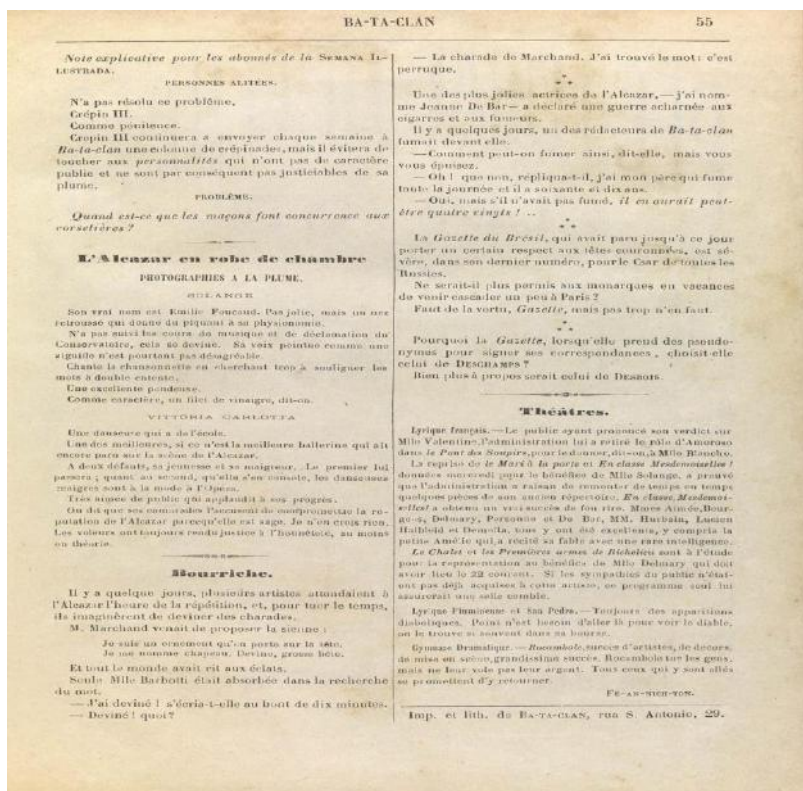


Figura 3 Ba-ta-clan, Rio de Janeiro, ano 1867, n. 007. P. 55. Cód.: TRB00932.0199; Rótulo: 700029. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Brasil

D'après son opinion, les citoyens qui ont été assassinés au largo do Rociosont gravement compromis.

En vertu de la même opinion, les soldats vont attaquer en calomnie les morts du 6 juin, et leur demander des dommages-intérêts.

La grande question des quatre abonnés payant de la *Gazette du Brésil* est de savoir si M. Sauvages continuera ou ne continuera pas à les coloniser. Ou lui conseille de faire comme à l'ordinaire, de parler sans rien dire.

Après la difficulté d'écrire, M. Sauvages n'éprouve d'autre embarras que celui de parler.

Quand les ministres se retirent, *La Gazette du Brésil* ne manquera pas de dire qu'ils emportent l'estime du pays. S'ils n'emportent pas autre chose, leur déménagement sera facile.

*La Gazette du Brésil* va mettre un bouchon de paille au balcon. Avis aux amateurs.

*La Gazette du Brésil* défend le ministère. Elle ne pouvait lui jouer un plus mauvais tour.

On veut nommer M. Sauvages directeur de l'instruction publique, parce qu'on est sur qu'il n'y perdra pas son latin.

On dit que le ministère finira par voir clair sur le compte de M. Sauvages. Ce sera le moment, pour M. Sauvages, de le traiter d'aveugle.

Les œuvres littéraires de M. Sauvages doivent être placées à la bibliothèque nationale, dans un rayon qui restera toujours... vide.

*La Gazette du Brésil* est furieuse contre *Ba-ta-clan* ; elle ne lui pardonne pas d'avoir la langue mieux pendue qu'elle.

CRÉPIS II.

### Pensées quelconques.

— Je ne sais si réellement, en Orient, la parole est d'argent et le silence est d'or ; mais je sais bien que dans ces pays, les trois quarts du temps, le silence est urgent, car la parole endort.

Cette pensée est d'un des secrétaires du Sénat. Je comments peut-être une indiscretion en la livrant à la publicité.

— L'homme d'argent entre en décomposition avant sa mort. Cela commence chez lui par la putréfaction de la conscience.

— Un proverbe dit : qui se ressemble s'assemble, pourtant l'homme et la femme ne se ressemblent pas.

Ne dites pas qu'elle n'est pas de vous, Mlle Personne ; si non je publie en présence de qui vous l'avez formulée.

— Ouir, voir et se taire est difficile à faire — notamment pour les sourds, les aveugles et les femmes.

— S'il n'y avait pas de vices, ou ne distinguerait pas la vertu. La vertu, pour se faire apprécier, a donc besoin du vice. Avouez que c'est peu honorable pour elle.

— Ce qu'il y a de plus exposé dans les expositions, ce sont les poches des visiteurs.

Cette pensée est la seule chose que m'a écrite un ami à qui j'avais demandé quelques détails sur l'Exposition Universelle.

### L'Alcazar en robe de chambre

PHOTOGRAPHIES A LA PLUME.

JEANNE DE BAR

Belle à faire damner un saint ; un corps de marbre sur des jambes faites au moule.

Comme esprit : madame de Sévigné doublé d'un rédacteur de *Ba-ta-clan*.

N'a qu'une petite voix de cerveau qui semble sortir de l'oreille et rappelle celle des infortunés *soprani* de la chapelle Sixtine.

Fait du théâtre par genre, pour montrer ses toilettes.

Toujours altérés en voyant les rivières, surtout lorsqu'elles sont en diamants.

MARIE BARBOTTI

Une bonne grosse fille qui fait parade de ses charmes comme d'autres le feraient de leur talent.

Aime à danser en travesti pour montrer ses formes.

S'occupe spécialement du public des galeries et des premiers rangs de l'orchestre.

A des jambes et des pieds terribles. Les pieds surtout pourraient servir d'éventail.

Comme esprit : le désert, et sans oasis, encore.

Né dans une loge... pas de théâtre.

### Casse-tête chinois.

PROBLÈME PROPOSÉ SAMEDI DERNIER.

*En quoi un vieux chapeau a-t-il de l'analogie avec un noir qui porte un fardeau ?*

RÉPONSE.

En ce qu'il a besoin comme lui d'avoir un cou de fer.

*Note explicative pour les abonnés de la SEMANADA ILLUSTRADA.*

UN COUP DE FER.

N'a pas résolu ce problème :

M. Sauvages, rédacteur en chef de la *Gazette du Brésil*.

Comme pénitence,

M. Sauvages, lorsqu'un accident devra arriver à ses presses, commencera à faire imprimer les articles les plus intéressants de sa feuille, entr'autres la revue théâtrale due à la plume d'oie de son SPIRITUEL collaborateur

Figura 4 Ba-ta-clan, Rio de Janeiro, ano 1867, n. 005. P. 38. Cód.: TRB00932.0199; Rótulo: 700029. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Brasil

### III. Considerações finais

As transformações abarcaram toda a cidade, criando novas formas de socialização e de comportamentos entre os habitantes, rompendo com os padrões tradicionais. Com isso, nascia também uma nova arte que rompia com os padrões das artes clássicas e a indústria do entretenimento progredia a passos largos, com a abertura dos cafés e casas de espetáculos nos principais centros que se tornaram pontos de encontros badalados da maioria dos habitantes.

É interessante ressaltar que a presença do Alcazar lírico com as suas cocotes não se limitou ao vaudeville ou ao café-concerto, mas também, participou efetivamente da vida da cidade, se ocupando também dos momentos históricos, como foi o caso das récitas especiais em homenagem às vitórias do Brasil nas batalhas da Guerra do Paraguai como também seu proprietário promoveu diversas récitas beneficentes e prol de instituições filantrópicas e irmandades.

Em 1880, o Alcazar foi vendido e o seu novo proprietário o demoliu para instalar em seu lugar uma padaria, tendo o teatro desaparecido definitivamente da paisagem carioca e sobrevivido apenas na crônica dos jornais de Machado e de Macedo. Vale ressaltar que após o fechamento do Alcazar, outros estabelecimentos similares foram abertos, como foi o caso do *Moulin Rouge*, na Rua do Rocio, atual Praça Tiradentes e um novo Alcazar na Lapa, o que denota a força do teatro de variedades na cidade do Rio, como bem assinalou Medeiros (2007).

## Referências

### Textos publicados em periódicos. Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

- ALCAZAR Lírico. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 25 fev. 1865.
- ANÚNCIO. Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 13 fev. 1863.
- ANÚNCIO. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 21 ago. 1864.
- ASSIS, Machado. [Sem título]. Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, 20 mar. 1864.
- ASSIS, Machado. [Sem título]. Semana Ilustrada, Rio de Janeiro, 6 mar. 1865..
- Ba-ta-clan, Rio de Janeiro, ano 1867, n. 007. P. 55.
- Ba-ta-clan, Rio de Janeiro, ano 1867, n. 005. P. 38.
- BILHETES. Revista Fon Fon, n. 49, dezembro, 1914.
- L.A.B. Canto do Alcazar Lírico. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 13 fev. 1865.
- Diário do Rio de Janeiro, 15 de setembro 1866, ano XLVI, edição 00220, p. 4

### Demais obras

- ABREU, Martha. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. 2 ed. São Paulo: **Editora da USP, 2000**.
- CAILLOIS, Roger. **El mito y el hombre**. Buenos Aires: Sur, 1939
- MACEDO, J. M. **A luneta Mágica**. São Paulo: Scipione, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Ed. Senado Federal, 1990.
- MENEZES, Lená Medeiros. (Re)inventando a noite: o Alcazar Lyrique e a cocotte comédiénne no Rio de Janeiro oitocentista. In: **Revista Forum Rio de Janeiro**, n. 20-21, jan.-dez. 2007. p.74-91. Disponível em [http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_20-21/Cap-5-Lena\\_Menezes.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_20-21/Cap-5-Lena_Menezes.pdf). Acesso em 01/08/2019.

NASCIMENTO, Luciana. A cidade como palco e seus desígnios na literatura. In: **Policromias**. Revista de estudos do discurso, imagem e som. Publicação quadrimestral do LABEDIS. Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 2018, p. 24-31. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/issue/view/1017/showToc>. Acesso em 10/08/2018.

\_\_\_\_\_. **A cidade de papel**. Rio Branco: EDUFAC/Editora da Universidade Federal do Acre, 2011.

RAMA, A. **A cidade das letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.